

A vida plural:

anotações sobre a experiência da partilha da vida em grupos, com o outro, com a outra

Carlos Rodrigues Brandão

Como citar: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A vida plural: anotações sobre a experiência da partilha da vida em grupos, com o outro, com a outra. *In:* BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino (org.). **Mulheres, gênero e sexualidades na sociedade:** diversos olhares sobre a cultura da desigualdade - volume 1. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p.33-51.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-84-2.p33-51>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A VIDA PLURAL - ANOTAÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DA PARTILHA DA VIDA EM GRUPOS, COM O OUTRO, COM A OUTRA

Carlos Rodrigues Brandão

Os animais e os deuses são auto-suficientes. Podemos imaginá-los como estando sozinhos. Quanto ao ser humano, ele é irremediavelmente incompleto e precisa dos outros.

Tzvetan Todorov¹

CONVIVER, TRABALHAR, PARTICIPAR: ESTAR COM O OUTRO, COM A OUTRA

No livro judaico do *Talmud* existe a estória de um grupo de aluno das escrituras sagradas que pergunta a mestre sobre quando na verdade um dia começa. Quando já se pode dizer que “já é dia”. O mestre devolve a pergunta a seus discípulos e alguns deles ensaiam respostas. Um deles responde que o dia começa quando já está claro o bastante para se pode

¹ Tomado do livro **Competência e solidariedade solidária** – educar para a esperança, de Hugo Assmann e Jung Mo Sung. São Paulo: Vozes, 2000. p. 171.

diferenciar um cachorro de um cabrito. Já um outro diz que é quando se pode diferenciar um figo de uma noz. Um outro, mais teórico, responde que começa um dia quando se pode diferenciar as várias cores. “Sim, diz afinal o mestre. Todas as respostas de algum modo estão certas. Mas um dia começa de tato quando há luz bastante para cada pessoa poder reconhecer no rosto de um outro, um seu irmão.

Que esta pequena parábola antiga seja aqui a fonte de ideias e de sentimentos. Nossa vida cotidiana é uma sucessão de curtos, médios ou longos momentos de “estar a sós” - “estar só”, “estar sozinho”, “estar comigo mesmo”, “estar em solidão” – eles se entrecruzam e valem como pontes que atravessamos para estarmos “com o outro” - “estar a dois”, “estar junto com outros”, “estar entre outras pessoas”, “estar num grupo”, “estar em equipe de trabalho, “estar em turma na sala de aulas”.

Dependendo do lugar onde vivemos algum tempo ou grande parte de nossas existências, uma *situação interativa* pode ser a mais frequente, pode ser dividida quase por igual com outras, ou pode ser muito rara. Em um extremo, podemos estar “na mais absoluta solidão”, enquanto em outro extremo nos encontramos “no meio da multidão”.

Consideremos as diferentes modalidades de *situações relacionais* ou *interativas* em que estamos envolvidos ao longo de um dia, de uma semana, de um mês, de toda a vida. Elas podem ser distribuídas entre situações de *labor* (cuidar da casa, preparar uma refeição, tratar do jardim), *de trabalho* (preparar um terreno para semear, construir uma casa preparar uma aula, ministrar a aula, estudar), de *lazer* (dormir, descansar, assistir a um programa de televisão, passear em uma praça), *de convivência* (reunir-se com um grupo de amigos, visitar uma tia querida, viver uma longa noite de amor), ou, ainda, de *participação* (coordenar uma reunião de uma ONG ambientalista, participar de uma assembleia de professores, participar de um “mutirão” de limpeza de um riacho do bairro). Nós vivemos e partilhamos situações assim, na maioria das ocasiões, entre momentos que vão do “eu sozinho” ao “nós em uma grande turma”.

Quase sempre ao longo de um dia estamos *a dois*, em *pequenos grupos*, em *grupos maiores*, em *turmas*. Não apenas nós, mas toda a humanidade. E isto ao longo de todos os tempos. Um paleontólogo - um estudioso dos primórdios da trajetória humana na Terra - disse certa feita que “[...] sempre que recuamos no passado de nossa espécie e encontramos os primeiros

homens, eles estão em grupos, em volta de uma fogueira.”² Alguns outros estudiosos levaram esta ideia mais longe. Eles acreditam que durante alguns poucos milhões de anos, os nossos antepassados – os primitivos hominídeos que povoaram a terra antes de nossa espécie, a dos *homo sapiens* – foram mais caça do que caçadores. A noite escura seria o seu tempo diário de terror. Antes do domínio do fogo, antes de sequer habitarem cavernas e possuírem as primeiras armas eficazes, nossos antecedentes eram presa fácil de predadores noturnos. E a comunicação entre eles, em seus bandos não muito diferentes daqueles em que viviam os outros primatas, seria muito precária e limitada. Com a descoberta do domínio sobre o fogo e a criação de locais fixos e mais protegidos de habitação, homens e mulheres puderam transformar o viver na noite. Com o fogo aceso, livres dos perigos das feras predadoras e do horror da escuridão da noite, as pessoas de um grupo primitivo, no interior de uma caverna podiam retardar o momento do sono. Podiam não apenas comer depressa, mas conviver antes, durante e depois da refeição. Podiam se olhar nos rostos e podiam ceder ao desejo do afeto no se dizerem algo mais do que breves palavras de comando. Eles deveriam se reunir, para se aquecerem e protegerem ao redor de fogueiras acesas. Pela primeira vez terão partilhado o “estar juntos”, sem labor e sem temor. Depois dos trabalhos do dia eles podiam compartilhar momentos dos primeiros ócios. Podiam devanear juntas, inventar palavras que formassem frases mais longas e mais simbólicas. Podiam, enfim, inventar o diálogo gratuito. E, conversando, dialogando, devaneando, podiam começar a criarem e contarem uns aos outros os pequenos e grandes casos triviais década dia. Podiam recordar e uns aos outros suas lembranças. Podiam inventar o devaneio e através dele, criar mitos e inventar lendas. Enfim, partilharem tudo aquilo que transforma o saber em compreensão, em significado e em sentido. A presença gratuita do outro, a fala como diálogo, a estória e a poesia talvez sejam fruto do partilhar a noite ao redor de um fogo aceso.

Nem sempre foi assim, mas a imagem é bem simbólica. E, de fato, a diferença essencial entre os macacos antropomorfos e “sociais” e nós, os humanos, é que eles viveram sempre e sempre viverão em *bandos* rigidamente regidos por preceitos biológicos, enquanto nós, os difíceis primatas chamados “humanos”, aprendemos a passar do *bando* para o *grupo*. Para pequenas e diferentes modalidades de vida em comum,

² Autor desconhecido.

regidas ainda por necessidades e preceitos biológicos, mas já dominadas e transformadas por princípios, valores, regras, símbolos e significados socialmente culturais.

Saibamos que apenas em tempos mais recentes as ciências sociais e as humanas, teóricas ou aplicadas, começaram a atribuir uma maior importância ao estudo dos *grupos humanos*. Durante um tempo longo demais a Psicologia centrou-se no *indivíduo*, a sociologia na *sociedade* e a antropologia na *cultura*. Mesmo a pedagogia esteve por muitos anos concentrada muito mais na individualidade do estudante, na pessoa do aluno, ou no par aluno-professor, do que nos coletivos interativos da sala de aulas ou da escola.

Nos últimos cinquenta anos, de um lado e do outro descobrimos que a vida social realiza-se em boa medida na escala da vida em grupos. E, tanto em pequenas unidades de ação social quanto nas escolas, aprendemos que “problemas de participantes” e “problemas de alunos” podem ser “problemas da equipe”, ou “problemas da turma de alunos” individualizados na unidade de cada um seu integrante. Ou podem ser problemas da relação entre “as pessoas da equipe” ou do professor-e-da-turma-de-alunos. Nos anos recentes entre atividades de ação social, de pequenas unidades produtivas, como a fábrica, de gestão de empresas, da condução da vida pública através do poder político, e da escola, a dimensão grupal ganhou um lugar de enorme importância. Na Psicologia, durante a década dos anos sessenta, ao lado da tradicional formação em qualquer ramo da “psicologia clínica”, surgiram e se multiplicaram diferentes modalidades de “psicologia de grupo”. As mais diversas experiências de “treinamento de pessoal” e todos os seus derivados antigos e modernos, foram e seguem sendo experiências derivadas da *dinâmica de grupos*.

Durante aqueles anos – e talvez ainda hoje - quem estudava serviço social podia especializar-se em “caso”, “grupo” ou “comunidade”. E, entre educadores, não devemos esquecer que praticamente todas as experiências inovadoras no campo da educação – do Método Montessori aos Círculos de Cultura, de Paulo Freire – foram e seguem sendo tentativas de responder a uma pergunta essencial: “como transformar uma turma passiva e impessoal de alunos diante de um professor, em um grupo ativo e motivado de educadores-educandos?”

Há, entre livros destinados ao trabalho em sala-de-aulas, bastante material a respeito de “métodos e técnicas de trabalho com grupo”. E alguns livros são muito úteis. Mas raros são os que ousam perguntar: “afinal, o que é um grupo?”. Ou: “como é que grupos, equipes e turmas acontecem e funcionam?”

A palavra *grupo* pode ser entendida de muitas maneiras. Por isso mesmo é costume ela aparecer adjetivada por outras palavras. Assim, *grupo humano* poderia ser a mais ampla. Um tipo de grupo humano pode ser denominado *grupo social*. Ele caracteriza unidades de labor, trabalho, convivência, participação e lazer na vida social, constituídas e organizadas segundo os termos de preceitos e princípios internamente contratuais ou externamente legais, ora definidos e aceitos por consenso livre, ora por alguma estratégia coercitiva ou imposta aos seus integrantes.

E aqui o lugar da mulher é essencial. Os homens preferiam viver em bandos, as mulheres em grupo. Os homens foram a arma da primeira comunidade. As mulheres, a sua alma. Eles partiam em busca da caça, elas permaneciam criando a vida na casa. Ao longo do fio da história os homens terão sido os responsáveis pela caça, as mulheres pela coleta. Mais adiante, a humanidade deu um grande passo quando aprendeu a passar da caça ao criatório de animais e, sobretudo, à agricultura. E mais ainda, à agricultura de cereais. E então os seres humanos passaram dos bandos errantes às comunidades estabelecidas. Só saltamos para a civilização quando aprendemos a cultivar cereais: trigo, centeio, arroz e milho. Acredita-se que foram as mulheres as criadoras da agricultura. Talvez por isso em praticamente todas as culturas são masculinos os deuses da guerra e da pesca. Femininas as deusas da fertilidade e da agricultura.

Uma equipe de futebol constituída pela vontade de uma turma de meninos amigos, a família nuclear, chamada também de grupo doméstico, ou uma turma de alunos podem ser bons exemplos. Por mais acolhedoras e desejadas que nos sejam, muitas unidades sociais de pequeno porte muitas vezes nos antecedem ou são criadas por outros: nossos antecessores, nossos contemporâneos.

A experiência da vida cotidiana, de nossas experiências em contextos de trabalho, em nossas vivências como “participantes-de”, ou como pessoas de “corpo docente” nos haverá ode lembrar que na maior parte dos momentos vividos no interior de uma casa, de uma ONG, de

uma equipe de trabalho ou de escola cruzam “a pessoa” com a “tarefa”. Pois a própria “gente de casa”, assim como uma “turma de alunos”, sobretudo em termos de uma educação moderna e humanista, configuram grupos “centrados na tarefa” tanto quanto “na pessoa”.

Podemos reconhecer ainda o *grupo de opção*, que pode alargar-se até a dimensão de um *grupo comunitário*. Ele seria a unidade de vida social onde o poder de escolha de ingresso e o poder de orientação do destino do coletivo e das pessoas integrantes são mais livres e mais partilhadas do que, via de regra, uma equipe de trabalho profissional. Há uma adesão aberta mais espontânea e consensual. Sabemos já que uma *família*, uma *unidade doméstica* e um *grupo de parentesco* são exemplos de *grupos sociais*. Quem participe de uma vida religiosa através de sua adesão a uma igreja, a uma comunidade confessional, a uma equipe de vocação espiritual, haverá de reconhecer por conta própria como algumas unidades confessionais têm procurado passar de uma coletividade de crença centrada no poder carismático de um líder (um padre, um pastor, um médium), para a comunidade de fé centrada na pluralidade de seus participantes-praticantes. Vemos o mesmo acontecer em outras instituições sociais e o esforço que nos últimos anos tem sido realizado para democratizar tanto a escola quanto os postos de saúde e outras unidades de ação social governamental ou comunitária, é um bom e difícil exemplo.

Chega a ser curioso o fato de vivermos tão estreitamente dentro de grupos e entre grupos, e possuímos um conhecimento tão pequeno a seu respeito. Mesmo na formação de um educador as nossas didáticas trabalham muito mais o *como ensinar para o aluno aprender*, do que o *como criar um clima interativo favorável ao ensinar-aprender*.

E hoje, mais do que nunca, este conhecer a intimidade da experiência interativa e coletiva dos grupos sociais em que vivemos entre *lazer, labor, trabalho, convivência e participação* é muito importante. Importante porque de uma forma crescente e irreversível, o *clima afetivo*, a *qualidade das relações humanas*, a *presença da emoção na aprendizagem* ganharam finalmente um lugar central, tanto na pedagogia e na sala-de-aulas quanto em qualquer outro campo da vida cotidiana em que o *estar, conviver e trabalhar juntos* organiza a estrutura e a dinâmica de uma unidade de vida e de ação social.

Mas importante porque hoje, mais do que ontem, e com mais consciência e preocupações, misturamos em nossas vidas a profissão e a vocação, a tolerância e a impaciência, o amor e o temor, o acolhimento e a rejeição, o individualismo e a individualidade, a competição e a cooperação, a competência consciente e a competitividade intransigente, a suspeita e a confiança.

APRENDER A CONFIAR, APRENDER A PARTILHAR

É sempre a pessoas que nos dirigimos em qualquer situação interativa. E quando esta situação, além de interativa, é conectivamente pedagógica, *este* é um momento, ou uma sequência de momentos, em que o partilhar o saber através do ensinar-e-aprender é a motivação das ações. E é aí quando o nosso envolvimento e o nosso compromisso com a pessoa de um outro tornam-se ainda maiores

A experiência do aprendizado para a convivência com o outro e para a adesão livre e conscientemente autônoma a qualquer projeto de participação social não deve estar subordinado a uma educação situada além da pessoa. Uma educação que coloque *o mercado, o estado, a nossa nação* ou mesmo a *minha cidade* como o destinatário do sujeito educado e que, desta maneira, por uma via ou outra *despersonaliza a pessoa*.

Pois ao transformá-la em um objeto para algum objetivo, uma tal educação abre o caminho para que, de maneira defensiva e competitiva, ela se encerre em um individualismo egoísta. Ou então, ela abre o caminho para um processo de perda de identidade que caracteriza justamente o sujeito-mercadoria entregue à lógica do mercado. Uma maneira de pensar e agir em que *você vale pelo que produz e pelo que consome; você deve ser o que está na moda ser*.

O que muitas vezes nossos livros de didática ou de trabalhos com grupo esquecem, é o fato de que não aprendemos o que nos ensinam, mas aprendemos aquilo que incorporamos ao nosso eu, no interior de um *clima interativo* em que nos sentimos livres e acolhidos o bastante para podermos por um momento *esquecer de nós mesmos* e nos devotarmos ao pensar *o e no* que aprendemos.

Podemos lembrar Humberto Maturana e outros cientistas e educadores, como Paulo Freire. Maturana nos faz transitar por uma biologia do conhecimento, para acentuar que na prática nós não formamos pessoas a não ser quando centramos todo o trabalho escolar dentro e fora da sala-de-aulas – mas sempre em situações interativas – no crescimento individualizado de cada pessoa-de-estudante. Estas ideias que podem ser lida em *Formação humana e capacitação*, em de seus livros mais conhecidos, retomam o respeito pelo ser-do-outro, o acolhimento amoroso e a autonomia responsável da participação no grupo como não apenas condições de aprendizagem, mas como a própria razão de ser da *educação*. Voltaremos a Maturana mais adiante.

Nunca é demais lembrar que o trabalho pedagógico mais importante de uma pessoa responsável por algum contexto de educação não é ensinar tecnicamente o que *eu sei e você não sabe*. Ele é, antes e depois disto, o saber criar cenários de respeito pleno pelo outro. Um cenário propício à aceitação das diferenças e ao convite fraterno a um trabalho de criação partilhada e amorosamente emotiva de saberes. Um contexto educativo, porque é, antes, acolhedor. Um lugar-momento do conviver dentro do qual os diferentes participantes de uma comunidade aprendente sintam-se pessoalmente motivados a conviver-e-saber. E, assim, sintam-se abertos a reconhecerem nos outros, não os seus concorrentes no fazer algo através da competição que amplia entre indivíduos desiguais a própria desigualdade, mas os seus companheiros e colaboradores no criar algo que alargue entre pessoas diferentes a experiência pessoal da originalidade pessoal.

O sentimento de co-responsabilidade, o desejo de participar, a abertura a uma vida de partilha, a presença pacífica e acolhedora em situações de vida em grupo, tudo isto é *aprendível*. Podemos, como nas ideias de Maturana, nascer já biologicamente predispostos a isto. No entanto, ao longo e através de nossas relações com outras pessoas nós aprendemos a viver tudo isto. Tudo isto se aprende através de uma educação centrada na pessoa.

Em uma situação de vivência de partilha de um grupo em que a intenção essencial é o ensinar-aprender, nunca é sobre o *ser* de uma pessoa que se deve agir para ensinar, para corrigir ou mesmo para punir, quando necessário. Não devemos invadir *de fora para dentro* o ser de alguém em um momento de trabalho, de criação, de educação, de rito ou de jogo. E isto porque não se deve pretender que alguém mude o seu ser-como-é a não ser

de dentro para fora, como um movimento interior regido pelo aprendizado pessoal entre a emoção e o pensamento. É o agir relacional e formador e são as ações interativas do fazer vivido, aquilo sobre o que se pode trabalhar ou intervir.

Assim, a própria experiência da paz, da harmonia, da não-violência, do respeito ao outro, do acolhimento amoroso, enfim, da solidariedade, somente são aprendidos quando são afetivamente interiorizados. E *tudo isto* eu somente interiorizo quando sinto a minha própria interioridade (minha pessoa, minha pessoalidade, minha personalidade, minha identidade) acolhida em um contexto de liberdade, de respeito e de amor.

Eu não corrijo *quem você é*. Mas posso ajudá-lo a rever por sua conta o *como você é*, através do que você fez ou faz, ou através do como você agiu em um momento de nossa relação recíproca para comigo, ou diante de mim. Da relação dual mãe-filha a uma ampla equipe de trabalho, quem convive, educa e aprende não tem direito de inventariar, de classificar e de intervir sobre o *ser* de uma criança, de uma jovem, de uma outra pessoa qualquer, como uma fonte de poder externo, mesmo que procure agir assim com a melhor das intenções. Podemos, sim, criar situações de diálogos – difíceis, quase desesperadores às vezes, mais possíveis e indispensáveis sempre – em que, ao sentir-se respeitada e acolhida de maneira incondicional, sendo como é e porque assim é, uma pessoa sinta com inteira liberdade as suas próprias *maneiras de ser*. E, compreendendo o sentido de como age através delas, ela reveja e recrie na convivência fraterna e no aprendizado derivado da troca de sentimentos e de sentidos com as outras, a sua própria pessoa. Isto se chama *educar*, o que vai muito além do simples *instruir*.

Em um mundo em que a própria *participação* pode perigosamente oscilar entre a obrigação imposta *você participa porque não tem escolha* e a recusa arbitrária *eu só participo do que me interessa*, a nossa adesão a unidades de ação social só é verdadeira e fecunda se partir de um desejo livre, amoroso e pessoal de *estar ali*. Do pequenino grupo de estudos de uma escola a uma grande associação de moradores de bairro, de uma *turma de colegas de escola* dispostos a se tornarem uma *equipe de trabalho voluntário* a toda uma *cidade educadora*, temos razões e exemplos de sobra de que apenas foram felizes, frutíferas e fecundas as experiências em que

pessoas, sensíveis e livremente co-responsáveis, uniram-se *de baixo para cima e da periferia para o centro* para realizarem alguma coisa.

DIÁLOGO E PARTILHA COM OUTROS

Um valor básico deveria fundamentar toda a relação, todo o encontro em situações de grupos: *o compromisso com o outro*. Tanto nos grupos em que estamos porque devemos estar, quanto nos grupos em que estamos porque queremos estar, existe um valor comum. O nome dele pode ser um pouco complicado, mas a experiência dele é muito frequente em nossas vidas: a *convivibilidade*. Mais ou menos o mesmo valor que chamamos acima de: *compromisso com o outro*.

Afinal, das mais simples e livres situações até as mais complexas e impositivas, sabemos por experiência própria que o estar-entre-outros nos obriga a abrir mão de posturas e desejos e entrar em conformidade com preceitos, princípios e valores de conduta interativa que parecem pertencer mais ao próprio grupo-em-que-estamos do que a nós mesmos. Observem crianças de três anos ou adolescente de treze anos envolvidos em alguma brincadeira, e vejam como boa parte do que eles estão fazendo é estabelecer os termos do pequeno *contrato social* através do qual eles podem... brincar.

Quando nos perguntamos quem somos, podemos nos fazer uma outra pergunta. Ela é mais difícil de ser respondida, por certo. Seremos de fato solidários? Como pessoas individuais (eu-mesmo), como pessoas-em-grupo, como seres em comunidade, como sujeitos de sociedades, como seres humanos, enfim, somos ou podemos ser solidários, cooperativos, acolhedores? Ou será isto uma utopia e um sonho irrealis? E na nossa vida diária? Estamos mesmo dispostos a sair de *nosso conforto* e nos dedicarmos a um esforço de *participação comunitária*, *compromisso* e *cooperação* para além de nossas *obrigações de trabalho*... que já são tantas?

Resposta: sim e não! E saibam que este tema é um dos mais debatidos entre cientistas da pessoa e da sociedade, entre biólogos e entre educadores. Não existe consenso algum a respeito. Existem tanto estudiosos quanto políticos e educadores que defendem com sinceridade a ideia de que a competição é a única força que move a humanidade e que o altruísmo e a solidariedade são anti-humanos.

Vejam. Podemos trazer em primeiro lugar o depoimento de Matt Riddley, um biólogo norte-americano. Ele parte, com tantos outros biólogos, psicólogos e mesmo antropólogos de estudos comparativos entre nós e os macacos para chegar a conclusões semelhantes às que foram escritas nas primeiras páginas deste estudo. Em uma direção outra, mas próxima, Ele busca nos macacos e em nós os humanos, respostas a esta pergunta crucial e não resolvida: afinal, somos *naturalmente* seres cooperantes e solidários, ou a vida imprimiu em nós uma herança genética em que a concorrência, a competição e o conflito constituem a nossa natureza original? E ele conclui o seu estudo dizendo isto.

Nossas mentes foram formadas por genes egoístas, mas para serem sociais, fidedignas e cooperadoras. É um paradoxo que este livro tenta explicar. Os seres humanos têm instintos sociais. Vêm ao mundo equipados com predisposição para aprender e cooperar, para distinguir o fidedigno do traiçoeiro, procurar ser leais, conquistar boa reputação, trocar produtos e informações e dividir o trabalho. Nisso estamos sozinhos. Espécie alguma avançou tanto em sua caminhada evolutiva, pois nenhuma outra construiu uma sociedade tão integrada, à exceção dos parentes dentro de uma grande família, como a colônia de formigas. [...] Longe de ser uma característica universal da vida animal, como Kropotkin acreditava, a tendência a cooperar é a marca de qualidade e legitimidade do ser humano, aquilo que nos distingue de outros animais. (RIDDLEY, 2000, p. 281).

Retornemos por um momento mais a Humberto Maturana. Ele nos apresenta como seres da vida social (e não apenas coletiva) e do símbolo e da linguagem. Como um biólogo bastante interessado em questões de educação, ele poderia lembrar algo que percorre também as nossas ideias.

Nós, os humanos, somos seres aprendentes. Somos seres sempre instável e interativamente relacionais, afetivos e racionais. Aprendemos a saber uns com os outros, porque o movimento biologicamente original em nós é o desejo da presença do outro e a partilha com ele da experiência do estar-com. A vivência do partilhar em-mim a existência-presença de meu outro sem outro proveito que não seja o conviver.

Tudo o mais seriam derivações deste movimento essencial. E o *amor* é o melhor nome para esta emoção ativa que gera, com outros termos e com os fundamentos de uma outra ciência, a reciprocidade gratuita que ordena (ou deveria ordenar) todas as outras interações entre pessoas humanas. Não aprendemos a reciprocizar, a trocar e a partilhar como uma estratégia cultural inevitável e geradora da aliança entre grupos através de seus indivíduos e de comunidades através de seus grupos. Se assim procedemos, social e culturalmente é porque, *natural e geneticamente* somos a espécie animal que ao se humanizar (ou “hominizar”) o fez, passo a passo, porque acendeu do poder sobre o outro ao amor pelo outro. Eis uma passagem de Humberto Maturana que trago de um livro de Marcos Arruda (que recomendo fortemente).

A emoção fundamental que torna possível a história da hominização é o amor. Isto pode parecer chocante, mas, insisto, é o amor. Não estou falando a partir do cristianismo [...] O amor é constitutivo da vida humana, mas não é nada de especial. O amor é o fundamento do social, mas nem toda convivência é social. O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, e é este modo de convivência que conotamos quando falamos do social. Por isso digo que o amor é a emoção que funda o social: sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social. (MATURANA, apud ARRUDA, 2003, p. 217).

A competição é anti-social. A competição, como atividade humana, implica a negação do outro, fechando seu domínio de existência no domínio da competição. A competição nega o amor. Membros das culturas modernas prezam a competição como uma fonte de progresso. Eu penso que a competição é uma grande cegueira, porque nega o outro e reduz a criatividade reduzindo as circunstâncias da coexistência.

[...] A origem do homo sapiens não se deu através da competição, mas sim através da cooperação, e a cooperação só pode se dar como atividade espontânea através da aceitação mútua, isto é, através do amor. (MATURANA, 1999, p. 92).

De uma maneira menos biológica e talvez ainda mais marcada do que em Humberto Maturana, Martin Buber, com quem nos encontramos

páginas acima, torna a partilha do amor o lugar central de toda a verdadeira relação humana, algo tão essencial na experiência do entre-nós, que sequer o EU (que ele sempre escreverá com duas maiúsculas) existirá sem a presença do outro. De um TU (idem) que na relação EU-e-TU, cria e preserva a unidade real da pessoa e da pessoalidade. E o vínculo que torna existente e fundadora esta unidade dual é, uma vez mais, o amor. Tal como em Maturana, o amor não é um sentimento entre outros. Nós não geramos o amor, não o criamos. Através do encontro com o outro *ele* acontece entre nós. E este acontecer gera e torna presente e existente em/entre nós (um EU que não se faz existir sem o TU) a substância de nosso próprio ser. Partilho, logo, existo.

Mas o homem habita em seu amor. Isto não é uma simples metáfora, mas a realidade. O amor não está ligado ao EU de tal modo que o TU fosse considerado um conteúdo, um *ISSO*

Os sentimentos nós os possuímos, o amor acontece. Os sentimentos residem no homem, objeto: ele se realiza entre o EU e o TU. Aquele que desconhece isso, e o desconhece na totalidade de seu ser, não conhece o amor, mesmo que atribua ao amor os sentimentos que vivencia, experimenta, percebe, exprime. O amor é uma força cósmica. Àquele que habita e contempla no amor, os homens se desligam de seu emaranhado confuso próprio das coisas; bons e maus, tornam-separa ele atuais, tornam-se TU, isto é, seres desprendidos, livres, únicos, ele os encontra cada um face-a-face [...] Amor é responsabilidade de um EU para com um TU. (BUBER, 1979, p. 17).

A busca do outro em nossas vidas é, mais do que tudo, o nosso *movimento* mais original. Não podemos viver sem o outro, não sabemos viver sem a partilha. O fato de que parecemos estar entrando em uma era da trajetória humana em que a presença de outros *pesa* na maior parte dos casos, e então preferimos a solidão da massa diante da TV do que a convivência com as próprias pessoas de nossos círculos de vida mais cotidiana, não deve ser confundido com uma maior *liberdade de escolhas*, como alguns apregoam (principalmente os fabricantes de televisão).

Em um pequeno artigo a respeito das tendências atuais do *marketing*, é dito com todas as letras que a indústria de bens móveis e a sua

consequente propaganda está passando de uma produção e de um apelo a objetos e artefatos de uso familiar (como uma geladeira ou um fogão) para artefatos e utensílios individuais, como o computador laptop. O seu ideal, em nome sempre do aumento dos lucros e da acumulação de capitais, é que do banheiro ao automóvel e dele à própria casa, cada um e cada uma de nós possua cada *coisa comprável* de forma tão individualizada como a escova de dentes. Tanto isto é verdadeiro que em cidades como Berlin e Londres, cerca de 30% da população já *vive sozinha*.

Se esta poderia ser uma inevitável tendência humana em direção ao individualismo e ao centrar-se em si-mesmo, por um outro lado poderia ser uma abertura a uma re-individação. Ou seja, a um desejo e um direito de livres escolhas de meus outros, para a partilha e a formação de *novas tribos*, como dirá Maffesoli, ou de novas comunidades de vida, de destino e de ação social. Eis uma passagem dele.

Tentei mostrar, ao longo deste livro, que o interesse e o desafio estão em outro lugar. De minha parte, vejo-os na instalação, progressiva, de uma solidariedade orgânica, feita de atrações e de repulsões, de identificações afetuais ou de emoções partilhadas, em todos os domínios. Tudo isso nada mais tem a ver com a política. [...] A ordem que parece desenhar-se é a de um conjunto de comunidades nem positivas nem unanimistas, mas precárias e submetidas à versatilidade da emoção. Mais do que uma união plena, uma união de projeto, a solidariedade nascente origina-se de uma união na falta, no vazio; comunhão de solidões que, pontualmente, vivem o trágico da fusão, onde, de maneira orgânica, a “pequena morte” e a vitalidade são vividas dia-a-dia. (MAFFESOLI, 1997, p. 271).

Eis-nos diante de não apenas duas variantes teóricas – pois não se trata disto – mas de duas vertentes dos fundamentos e raízes da reciprocidade e da cooperação. Uma delas vem das ciências da vida e coloca em predisposições orgânicas da espécie o alicerce da razão solidária. Somos geneticamente seres regidos pela emoção, a emoção fundadora é a experiência do amor, e é o exercício desta emoção humana, entre os mais relacionamentos entre pessoas e entre grupos de pessoas, o que constitui a vida social. A outra vem das ciências sociais e desloca uma opção simbólica, logo, cultural, o surgimento da reciprocidade. Pois é justamente devido a

algo que nos falta e sobra nos animais, e algo que tornaria naturalmente improvável a comunidade humana se não viesse a existir entre nós de outro forma, que nos obrigamos a gerar uma série de saberes, valores, princípios, preceitos e códigos sociais regidos por certas proscricções e por inúmeras prescrições, como o caso da reciprocidade, da circulação de bens, pessoas e mensagens e da obrigação de vivermos dentro de círculos de troca e circuitos do dom, regidos por contraprestações do tipo dar-receber-retribuir. E é, vimos já, porque nos criamos culturalmente “assim” que tornamos possível a nossa existência no planeta Terra e, nela, nos tornamos humanos.

O certo é que convivemos com uma evidência muito forte. E ela é local e universal, municipal e planetária. Ela vale tanto para uma escola, uma cidade ou o planeta Terra. E qual é ela? É o fato de que justamente agora, quando por todo o lado começamos a abandonar os mega-projetos sociais e as mega-metas históricas e as grandes utopias, por toda a parte vemos multiplicarem-se, estenderem-se e intercomunicarem-se unidades comunitárias, movimentos sociais, frentes civis de luta por direitos humanos. Por toda a parte surgem e se enraízam pequenos, médios e grandes grupos humanos empenhados em alguma questão humana, social, cultural, ambiental e assim por diante. Vemos pequenas unidades de ação criando e ampliando redes. Vivemos um tempo inigualável em termos de partilha e participação em grupos, comunidades e redes de ação e de mobilização social.

Vivemos hoje uma *espécie de mundo* em que, ao mesmo tempo, resulta inevitável e resulta muitas vezes impraticável o apelo urgente ao sairmos de nossa rotina e nos lançarmos solidariamente em busca de *algo mais*. Este momento sugere algo diante da evidência de que talvez tenhamos chegado, por outros e indesejados caminhos, a uma sociedade de que o próprio *Big Brother Brasil* seja a melhor metáfora. Uma sociedade *global* – ou globalizada – em que o pessoal e o familiar vêm-se cada vez mais perdidos de um genuíno caráter identitário regido por valores comunitários e cada vez mais invadidos por um *público* que, longe de representar as aspirações do bem-comum, representa a invasão da privacidade e o seu domínio por uma cultura de massa que pretende administrar em nossas mentes e, na vida social, a própria gestão dos sentimentos de cooperação, de compromisso e de participação

Mas, justamente por sermos humanos em busca de nos humanizarmos sempre mais, as nossas ações e condutas interativas em geral nos aparecem reunidas e opostas aos pares: compromisso *versus* descompromisso; cooperação *versus* competição; individualidade aberta aos outros *versus* individualismo fechado para os outros; gratuidade *versus* interesse; generosidade *versus* egoísmo; iniciativa em favor do grupo *versus* inércia em favor de *mim-mesmo*; participação *versus* alheamento.

A escolha das primeiras palavras em cada par de opostos, em nome de uma adesão pessoal e consciente a uma *vida em favor da vida*, nos convoca, por tudo o que vimos até aqui, ao vivermos em tudo e a cada momento, à abertura de nos mesmos à experiência do diálogo. Viver como quem se reconhece, em cada momento de cada dia de vida, como um alguém que é parte de círculos de pessoas que por saberem o que eu também sei, mas de maneiras diferentes das minhas, podem colocar-se diante de mim a partir do que são, do que aprendem e do que sabem. E por partilharem comigo os saberes e significados que construímos e partilhamos, devotam-se a construírem juntas, a partir das conjunturas mais simples da vida cotidiana, um cotidiano de vida cada vez mais realmente humano.

É para um diálogo mais amorosamente fecundo e profundo com toda a vida à minha volta (uma ecologia do saber e da educação) comigo mesmo (uma ecologia profunda do eu) e com os meus outros (uma antropologia ativa do criar saber para recriar mundos mais humanos) que serve todo o esforço sempre interativo, do ensinar-e-aprender. O deixar-se educar, isto é, o estar envolvido em situações dialógicas onde cada um a seu modo, mas sempre na construção solidária com outros, adquire e constrói o seu *novo saber*, uma mesma medida em que cria, com os outros, com o círculo dos outros sujeitos culturais aprendentes (professor inclusive), um passo a mais em uma cultura mais *sabedora de si mesma*, logo, mais potencialmente humana.

Malgrado tudo, somos seres humanos. E podemos acreditar que em nosso estado original e na plenitude da experiência de nosso ser, somos seres originados do *amor* e convocados a ele. Somos pessoas destinadas a criar interações, momentos de vida, partilhas de cotidiano e história de povos e de mundos regidos/as pelo amor e dirigidas/os a ele. Somos seres

vocacionados a uma história amorosa construída pela cooperação e, não, pela competição.

Estabelecer qualquer campo de relações entre pessoas – do contexto de um namoro ou de uma família ao de toda a humanidade – sobre o princípio da competição não equivale a contrapor-se a uma *visão romântica e utópica sobre a pessoa e o mundo*, a partir de uma *visão racional e realista*. Ao contrário, tudo o que nos afasta da vocação original de sermos seres do *amor* significa pensar a Pessoa, a Vida e o Mundo a partir do que não é nosso em nós mesmos e entre nós mesmos. Somos seres pertencentes à solidariedade e à cooperação, não ao interesse egoísta e à competição. Somos destinados ao encontro solidário entre sujeitos e, não, à agressão competitiva entre seres tornados objetos um para o outro.

Zygmund Bauman (2003), em um de seus muitos livros já traduzidos para o Português, lembra que é a comunidade o lugar humano da vida. E é dela que sentimos falta quando o mundo do mercado nos rouba algo que somos nós-mesmos, através da perda de nosso viver-com-o-outro.

Sentimos falta de comunidade porque sentimos falta de segurança, qualidade fundamental para uma vida feliz, mas que o mundo eu habitamos é cada vez menos capaz de oferecer e mais relutante em prometer. Mas a comunidade continua teimosamente em falta, escapa ao nosso alcance os se desmancha, porque a maneira como o mundo nos estimula a realizar nossos sonhos de uma vida segura não nos aproxima de sua realização; em lugar de ser mitigada, nossa insegurança aumenta, e assim continuamos sonhando, tentando, fracassando. (BAUMAN, 2003, p. 129).

Somos todos interdependentes neste nosso mundo que rapidamente se globaliza, e devido a essa interdependência nenhum de nós pode ser senhor de seu destino por si mesmo. Há tarefas que cada indivíduo enfrenta, mas com as quais não se pode lidar individualmente. O que quer que nos separe e nos leve a manter distância dos outros, a estabelecer limites e construir barricadas, torna a administração dessas tarefas ainda mais difícil. Todos precisamos ganhar controle sobre as condições sob as quais enfrentamos os desafios da vida – mas para a maioria de nós esse controle só pode ser obtido coletivamente. (BAUMAN, 2003, p. 129).

Aqui, na realização de tais tarefas, é que a comunidade mais faz falta; mas também aqui reside a chance de que a comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; um comunidade de interesse e responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa de nossos direitos. (BAUMAN, 2003, p. 129).

Gostamos de estar juntos, do par à pequena multidão. E precisamos viver, de algum modo ou de muito, em uma ou em algumas comunidades. Até os monges católicos que fazem voto de silêncio por toda uma vida sabem disto. E o maior castigo nas penitenciárias é a *solitária*. Fora do grupo, da comunidade temos medo de nós-mesmos, de nossos outros (pois eles se tornam nossos estranhos) e do mundo, pois sem partilhar ele se torna hostil. Estar junto é bom e o estar-a-sós só vale a pena como um intervalo, ou como um momento de eu entrar em-mim e aprender a conviver melhor com os outros.

O meu Outro poderia parecer mais estranho. Mas basta deixar a televisão ligada por algumas horas nesses programas idiotizados *de auditório* para constatarmos que um dos apelos que mais atraem pessoas a eles é o desejo da confissão. Da partilha com outros daquilo que é meu. Do *colocar para o público aquilo que era meu segredo*.

De resto, qual o interesse que move milhões de pessoas a gastarem horas de suas noites diante do *Big Brother Brasil*, senão a possibilidade de *especular* sem perigos a intimidade de vidas alheias. Justamente agora, quando a Igreja Católica praticamente abole a obrigação da confissão auricular, e ela se torna ao mesmo tempo íntima e pública, uma quantidade crescente de pessoas busca especialistas em *segredos íntimos*, da astrologia à psicanálise. Precisamos, mais agora do que nunca, de não apenas estar com outros e *fazer alguma coisa juntos*, mas precisamos ouvir quem nos fale e dizer de nós a quem nos ouça. A companhia da pessoa do outro mais do que nunca foi e segue sendo entre nós tão essencial. E o diálogo, o aprendizado da escuta amorosa, aberta e atenta do outro, e a partilha com ele do que é meu e pode ser nosso, não é o melhor caminho aqui. É apenas o único!

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Marcos. *Humanizar o infra-humano: a formação do ser humano integral: homo evolutivo, práxis e economia solidária*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- ASSMANN, Hugo; SUNG, Mo Jung. *Competência e solidariedade solidária: educar para a esperança*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmund. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Moraes, 1979.
- MAFFEZOLI, Michel. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.
- RIDLEY, Matt. *As origens da virtude: um estudo biológico da solidariedade*. Rio de Janeiro: Record, 2000.